

O IMAGINÁRIO SOCIAL DE AVENTUREIROS DO EXTREMO: A BUSCA DA VERTIGEM

FLAVIA MENDONÇA GARCIA
BENNETT- RJ – Brasil
fmendoncagarcia@gmail.com
GEOVANA ALVES COICEIRO
UNESA – BENNETT - RJ – Brasil
geovanacoiceiro@gmail.com
VERA LUCIA DE MENEZES COSTA
UNIRIO - RJ - Brasil
veralmc@globo.com

As novas práticas sociais e discursivas do risco estão sinalizando para alguns sentidos implícitos que precisam ser desvelados dentre outros, a busca do sentido da vida nas emoções, na vertigem e na adrenalina. Esses sentidos do risco como prática contínua da busca de rompimento dos limites humanos, inclusive da vida humana, nos apresenta um campo de investigação provocativo.

Dessa forma, adotou-se um Estudo com abordagem de pesquisa qualitativa. Como instrumento para coleta de dados utilizou-se uma entrevista semi-estruturada aplicada a 11 participantes brasileiros de esportes de risco extremo. O método de análise do discurso foi o proposto por Orlandi (2001). O estudo tem como objetivo identificar os sentidos e significados que se apresentam nos discursos de praticantes de esportes de risco extremo.

As diferentes práticas de aventura e risco extremo vem ganhando espaço no cenário esportivo mundial e brasileiro e não são mais novidade para a sociedade contemporânea. Elas podem ser vivenciadas muitas pessoas em diferentes partes desse mundo globalizado. Cada vez mais vemos atletas desafiando tempo e espaço, estendendo seus próprios limites. Esses atletas apresentam um ultra-rendimento, configurando uma cultura de excelência própria da pós-modernidade. Os praticantes desses esportes têm seus comportamentos impregnados pela cultura do presente, pelo efêmero, pela frivolidade, pelo hedonismo. O mergulho desses atletas nas águas do “rio” dos esportes de risco extremo, que na maior parte do tempo se apresentam turvas e violentas, é para testar seus limites.

Para Costa (1999, p.26)

O risco calculado explode no fascínio pela vertigem, que favorece um tipo de embriaguez e um domínio de seus efeitos. A perseguição da vertigem, elaborada imaginária e realmente no risco, por meio de um pânico voluptuoso, é um enfrentamento simbólico da morte que dá força e um valor pessoal ao gosto de viver: a altura, a velocidade, a queda livre, o gosto de sensações intensas. Esse modo organizado de vertigem é uma forma lúdica de relação em que o ator mergulha imaginária ou realmente no perigo, provocando um desequilíbrio.

Para a pesquisadora, há um jogo estabelecido pelos praticantes com a sua própria existência, na tentativa de estendê-la; dessa forma, o individuo reforça o seu sentimento de identidade. Assim, Costa expressa concordância com as idéias de Le Breton (1991, 2009), para quem a fascinação pela vertigem em atividades de alto risco é um jogo com a existência e com a morte.

Percebe-se, assim, que um dos fios condutores das provas de aventura e risco extremo é a perseguição da vertigem. A vertigem é uma falsa sensação de que o corpo está em movimento no espaço, ou mesmo que este está em movimento em relação ao corpo. Desdobrando-se em duas vertentes, a vertigem pode ser de origem somática ou psíquica (Quinodoz, 1995). Em seus estudos, esta psicanalista evidenciou algumas formas de vertigem,

dentre as quais a vertigem por atração pelo vazio, a vertigem por expansão e a vertigem por competição, nas quais identificamos e situamos o objeto do nosso estudo.

Na visão de Quinodoz (1995), essas diferentes formas de vertigem podem se constituir em prazer. Dessa forma a autora abre caminho para entendermos o que faz um atleta sentir-se atraído por feitos cada vez mais difíceis, como por exemplo, a corrida do Vale da Morte, num deserto na Califórnia, ou um *decaironman*, provas que exigem dos seus praticantes o máximo de suas possibilidades físicas e mentais. Essa atração se dá pelas necessidades e desejos gerados no íntimo dos próprios praticantes, que buscam nessas provas inóspitas preencher o vazio em seu interior, expandir seu ego sem limites, superar o adversário e se superar, encontrando a sua forma de existir e de se sentir vivos. Quinodoz comenta a forma de prazer por expansão expressa pelos atletas dos esportes de aventura e risco:

Penso que esse desejo de ampliar seus limites ao máximo, até sentir o limite não ultrapassável, isto é, onde a expansão termina, corresponde a todas as tentativas esportivas dos conquistadores do impossível. Em um esporte, eles têm um prazer interno em ampliar seus limites, até onde for possível, e sentir então quando começaria a hemorragia narcisista (1995, p.113).

Assim, os atletas do extremo vão jogar com a vertigem de acordo com os riscos que o objeto oferece, chegando até mesmo à morte. Buscando ancoragem em Freud, quando este postula a dualidade entre as pulsões de vida e de morte. Para a autora, é *sobre tudo a questão de ligação e desligamento das pulsões de vida e de morte que afeta de perto o eventual desafio à morte* (p.142).

Quando os indivíduos não operam essa ligação das pulsões de vida e de morte, e, em particular, isolam ou recusam sua pulsão de morte, os processos vitais ficam em perigo. A pulsão de morte, isoladamente, sem a combinação com a pulsão de vida, pode levar um indivíduo a um processo de autodestruição, uma vez que trabalha silenciosamente. Ao observar um atleta obstinado pela sua conquista, por uma meta que precisa ser alcançada, presenciamos uma cegueira diante do perigo; isso ilustra bem o caráter silenciado do trabalho da pulsão de morte: você fala com a pessoa e ela não escuta, os seus pés sangram, seus dedos congelam, seus movimentos ficam descoordenados, ela não consegue perceber que está fazendo algo de destruidor.

Mas Quinodoz (1995) ressalta uma questão importante: os atletas que sabem dos riscos que estão correndo e tentam enfrentá-los, fazem um jogo de vertigem menos perigoso do que os indivíduos que correm riscos sem terem consciência de suas forças de auto e de heterodestrutividade; para estas pessoas, o que interessa não é a morte, mas tudo o que for limite. Contudo, a autora deixa nas entrelinhas que alguns casos de jogos vertiginosos dissimulam uma tendência mal disfarçada ao suicídio.

Caillois, no seu livro *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem* (1990), ao discutir os jogos e as maneiras de jogar, a *paidia* e o *ludus*, propõe uma divisão para os jogos nos quais predominam os papéis de competição (*agon*), do azar ou sorte (*alea*), do simulacro (*mimicry*) e a da vertigem (*ilinx*). Vamos nos deter na vertigem, que na concepção do autor consiste numa tentativa de destruir por um breve momento a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúcida um pânico voluptuoso. Há uma espécie de espasmo, de estonteamento, de transe, de fruição que faz a realidade desvanecer-se bruscamente por um instante. Dentre as discussões que Caillois propõe sobre a vertigem, podemos citar os excessos do corpo em realizar provas atléticas desgastantes, entre elas as provas de ultra-resistência, nas quais os praticantes têm seus corpos anestesiados pela presença da dopamina, da endorfina, dentre outras substâncias, que mascaram o desgaste físico; ou seja, ao invés desses competidores sentirem dor e cansaço, sentirão uma sensação de prazer, de euforia, de alívio, e dessa forma é possível estender os limites do que é humanamente possível.

Durand relaciona a vertigem com a queda e seu aspecto temível do tempo vivido. Como exemplo, lembra que a primeira experiência da queda e do medo já pode ser observada no nascimento, assim como, é reforçada quando a criança inicia seus primeiros passos. A vertigem, para Durand, é um mal-estar criado pelo afastamento de um ponto de apoio estável e terrestre, é *imagem inibidora de toda a ascensão, um bloqueamento psíquico e moral que se traduz por fenômenos psicofisiológicos violentos* (1997, p.113). As mudanças desniveladoras e rápidas provocadas pela queda vão fortalecer a vertigem, uma vez que esta vai gerar desprazer, seguido de prazer quando há objetivo e ele é atingido (ou conquistado). Em contrapartida ao aspecto catastrófico da queda surgem os símbolos ascensionais, orientados pelo *schème* da elevação, da verticalidade e da ascensão.

Outro autor que vai tratar à temática da vertigem é o antropólogo Le Breton (1991). Na sua concepção, o fascínio pela vertigem em atividades de alto risco é um jogo com a existência. Costa (1999) complementa Le Breton ao colocar que *o gosto pela vertigem seria um jogo de extensão da existência, reforçando o sentimento de identidade daquele que ousa desafiá-la. É como se por um instante o ator pudesse deter e dominar a sua existência* (p.26).

Essa existência se vê expressar nas diversas tentativas dos praticantes das provas de risco extremo em testar seus limites, buscando realizar *performances* atléticas cada vez mais difíceis, envolvendo-se em esforços prolongados que, como já dissemos anteriormente, podem chegar a semanas, e representam o desejo de conhecer: Qual o meu limite? Qual o limite do outro? Ou seja, qual o limite do ser humano para essas provas inóspitas?

É através dessa busca do que é humanamente possível realizar, seja atravessando a pé o continente africano, o deserto do Saara, cruzando de bicicleta o continente americano, ou mesmo fazendo um *ironman* por dia, durante dez dias, que esses atletas se vêem envolvidos com seus objetivos e metas, traçados e calculados minuciosamente, de forma que possibilite terminar uma competição, ou mesmo uma façanha. É preciso confrontar a si mesmo, desafiar o corpo e a mente, testar-se, aprender a se conhecer no limite das possibilidades e provar para si mesmo e para o mundo o que é possível ser feito. Em recente estudo sobre esportes de risco extremo, o pesquisador Soulé (2007) indica que tais provas colocam em jogo a aprovação da resistência ao sofrimento e a determinação do atleta (refere-se à Maratona des Sables).

Para Le Breton (1991), o que esses praticantes querem é

[...] encontrar um limite físico, lá onde os limites simbólicos fazem falta, traçar sobre si mesmo um conteúdo para se sentir existir, conteúdo de maneira provisória ou durável. O limite é uma necessidade antropológica, ele permite existir situando-se ativamente no sentido de um sistema simbólico que estrutura as trocas (p.17).

Mas, ao se envolverem vertiginosamente em suas *performances* esses competidores não percebem que de certa forma estão se confrontando com a morte. Estão se expondo, abandonando a sua segurança e conforto, para percorrer um caminho que, mesmo detalhadamente calculado, vai colocá-lo diante de uma linha tênue entre viver e morrer. Se viver escapando do risco que correu, a sua existência terá significado e valor pela sua conquista; e se morrer, morrerá tentando garantir a sua existência. *Toda busca de limites, em última análise, solicita a morte para garantir a existência [...] a morte simbolicamente ultrapassada permite continuar a viver sob a luz de uma legitimidade nova* (Le Breton, 1991, p.18).

Observamos que essa busca de limites é ininterrupta. Começou timidamente no início do século XX, mas se intensificou e se disseminou a partir da década de 1960 (Costa, 1999), quando os esportes de aventura e risco surgem e se alastram por todos os cantos do Planeta, novas provas, novos desafios, cada vez mais “absurdos” que os anteriores e que vêm sendo criados com o único objetivo: dificultar, testar, expandir o limite dos competidores. Há um jogo imaginário estabelecido entre esses atletas que tentam, com as suas proezas atléticas, expandir o que é humanamente possível realizar.

A disseminação desses esportes acontecerá concomitantemente ao que Le Breton (2006) chama de *um novo imaginário do corpo* (p.9). Um corpo simulacro, fragmentado, suporte da imaginação humana que tem levado o homem a lugares inimagináveis. Os aventureiros do extremo utilizam seu corpo para se relacionar com mundo, com os outros e consigo mesmo, retrato de uma sociedade marcada pelo individualismo, que busca suas referências sociais e culturais no próprio indivíduo. Daí o corpo ser o lugar e o tempo do limite.

Diante de tantas *performances* atléticas, entre as quais nos deixamos encantar pelas provas de ultra-resistência, nos vemos diante de alguns questionamentos: Existe mesmo limite para esses aventureiros do extremo? Até onde será possível chegar?

Até o presente momento não foi possível encontrar uma resposta, mas temos como certo que a morte é o fim dessa busca ininterrupta pela superação dos limites humanos. Para Le Breton (1991), fixar a morte e traçar os limites de seu poder reforça o sentimento de identidade daquele que ousa arriscar-se. Segundo o autor esses, aventureiros guardam traços de ritos ordálicos, sendo que a ordália deixou de ser um rito social e passou a ser um rito individual de passagem. Esses indivíduos encontram-se afastados da sociedade e de seus frágeis vínculos sociais e culturais, para serem responsáveis apenas por aquilo que lhe concerne, numa atitude individualista, típica da pós-modernidade (ou sociedade de risco), mas condizente a garantir a sua existência.

Os riscos vividos pelos novos aventureiros, os praticantes de atividades físicas, são riscos livremente escolhidos como valor. Trata-se de uma aventura com sentido lúdico, uma vez que a atitude dos sujeitos que vivem a aventura no esporte é tomada como um risco no qual ousam jogar a si mesmos com a confiança do domínio cada vez maior da técnica. Manifestam uma audácia para poder desencadear esse risco, autorizada pela idéia confiante de serem capazes de lançar-se no espaço, na profundidade, na imersão, na luta contra os obstáculos da natureza, associada ao excitante e reconfortante prazer de realizar (vertigem) e de tê-lo feito com alta competência (Costa, 1999, p.102).

A ordália e o risco formam, muitas vezes, um par indissociável. A ordália vai fazer do risco sua matéria-prima; ela representa o máximo do risco, o indivíduo se sente obrigado a ir à fronteira das suas possibilidades ou até mesmo ultrapassá-la, promovendo uma maior proximidade com a morte. Podemos dizer que há um flerte com a morte, no sentido de domínio, de confronto para poder negá-la. E esses atletas chegam ao ponto de tratar a dor como insignificância, ao mesmo tempo em que o prazer é exacerbado:

“A dor é temporária. Ela pode durar um minuto, uma hora, um dia, uma semana, um ano [...] mas em algum momento ela passa [...] e se você desistir, vai ter de conviver com o incômodo de ter abandonado uma batalha e a sensação de perda. Mas se você for em frente, vai conquistar a vitória e poder usufruir do gosto único que ela tem... a vitória é eterna. A dor e o incômodo são passageiros, mas o orgulho é eterno”¹.

“The pain is temporary. The pride lasts forever.”²

“It's the pain of the consequences that's all out of proportion.”³

Na busca de explicações para as condutas de risco dos indivíduos na pós-modernidade, Le Breton (2009, 1995, 1991) vai propor quatro figuras ordálicas: a vertigem, o desafio, a

¹ Depoimento do ultramaratonista Marcio Villar ao site www.corrotododia.com.br

² “A dor é temporária. O orgulho dura para sempre”. Autor desconhecido, em depoimento ao site www.run100s.com. Acesso em 3 de maio de 2010.

³ “É a dor das consequências que é toda sem proporção”. Depoimento feito pelo atleta de ultramaratona Kenny Moore ao site www.run100s.com. Acesso em 3 de maio de 2010.

sobrevivência e a *blancheur* (palidez, brancura, esmaecimento). A vertigem promove uma desordem provisória na busca da exaltação dos sentidos. O desafio não é apenas uma competição, é também a determinação de não ceder diante das dificuldades e das provocações. O treinamento é muito importante para esses aventureiros conhecerem as possibilidades e os limites de seus corpos, assim como a melhor forma que eles encontraram para suportar esses desafios e sobreviver. A sobrevivência é uma outra figura ordálica proposta, onde os aventureiros procuram fundir-se com a natureza, numa mistura de aventura e consciência ecológica. A *blancheur* vai se dar num processo inverso às figuras ordálicas anteriores, pois durante a busca de sentido no risco, pelo indivíduo, perde a atração e a intensidade, sendo tomado por uma palidez/brancura.

Maffesoli (2003) complementa que o excesso, o presenteísmo, o hedonismo, em suma, o juvenilismo, vêm contaminando cada vez mais os modos de ser e de pensar do homem pós-moderno. E os nossos informantes não ficam de fora, ao dedicarem suas vidas com avidez ao que foge do tangível de nossas ações, vivendo sem fronteiras, sem limites. Esse descuido faz dessas atitudes juvenis um viver com urgência, sem se preocupar com as conseqüências de suas ações e com o amanhã, traduzindo num intenso desejo de viver o presente.

Pode-se concluir que ao praticarem as provas extremas de ultra-resistência, nossos informantes cultivam um sentimento de elevação, de potência, que vai mantê-los ao longo das disputas atléticas. Engendram um esforço verticalizante em suas *performances*, distanciando-se do mundo dos mortais, e se encaminham ao alto, ascendem ao lugar dos seres sobre-humanos, divinos. Essa ascensão, verticalidade, elevação e luminosidade vão suscitar uma potência e um autocontrole de fundamental importância para os atletas, pois essa elevação e potência vão se dar em contrapartida à queda, à descida ao mundo das trevas, momento de vertigem embriagada que permite ir ao encontro da exaustão e do esgotamento das suas forças oníricas, conhecer a morte, flertar com ela, mas precisando sobreviver. Desenvolvem assim as virtudes de suas almas: audácia, ímpeto, coragem e autocontrole.

Referência Bibliográfica:

- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.
- DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LE BRETON, David. **Passions du risque**. Paris: Métailié, 1991.
- _____. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- _____. **Condutas de risco**. São Paulo: Autores Associados, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.
- QUINODOZ, Danielle. **A vertigem: entre a angústia e o prazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- SOULÉ, B. "Sports à risque" et "sports extremes": de quoi parle-t-on? *In: Loisir et Société / Society and Leisure*, Presses d'Université du Québec: Canadá, v. 29, n. 2, p. 321-345, 2007.

Geovana Alves Coiceiro
Rua Mario Agostinelli, número 55, apt 202, bloco 2, RJ, Brasil
Cep: 22775-046 Tel.: 552136495111
geovanacoiceiro@gmail.com